

13-11-2024

Ensaaios para o Quarto....*

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

*....Colóquio *Toda nudez não será castigada* está se despiando para 2025... (**espíem a síntese do 3º**). Outro dia no Grupo de Estudos Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador, provocada pelo Mestre idealizador dessa sinfonia conhecida por Coluna Opinião, revelei uns pedaços de mim. Escrevo aqui para os que não estiveram por lá... Minha primeira vez foi com Simone Biles... agosto de 2021... apaixonei-me pela corajosa menina ginasta que escolheu a vida ao se retirar das Olimpíadas de Tóquio 2020 (adiada pra 2021). Foi julgada como fraca, de pouco espírito olímpico, por alguns colegas da imprensa... (*sou jornalista formada na lida...*). Biles, em 2024, vocês sabem, mostrou generosidade, altivez e espírito coletivo de Simone e de Jordan Chiles reconhecendo a *performance* de nossa Rebeca Andrade... **Alan** (Machado) analisou facetas do racismo brasileiro em comunicações oficiais... A paixão por Simone me levou a devorar o Maestro da Saúde do Trabalhador Bernardino Ramazzini, apresentado, claro, por Fadel... Nascia então meu desejo pela série que escrevo nos últimos meses...

Nos mais de três anos aqui, confidencio que tive outros amores, infinitos, até aqui também eternos... Não sou volúvel, sou amante de gentes e saberes... Chiara (Lages), minha ‘irmã’ de ideias e ideais, sabe como é ser anarquista de coração... E me disse como era instigante ser ‘periodista’ da Opinião... palavra chique, né? Coisa de bibliotecária... Nesse tempo, leio diariamente meus colegas Colunistas e converso com alguns em meus textos. Tenho cá meus preferidos..., cito alguns para me manter no limite do espaço... Amo a ternura musical de Consuello (del Pratto) nas tecituras de realidades infantis, a coragem contra-hegemônica de Dália Virna e do colega Jornalista Isaías do Conde, o jeito sagaz e franco de Angelo Offen... Acompanho também a janela *Atualize-se em tempos estranhos* (mesmo depois de mudar de nome...); na pandemia de Covid-19, contribuiu pra caramba com meus *clippings* sobre esse vírus que se espalhou e matou trabalhadores em todas as cadeias produtivas... *Pois bem!* (Egui, valeu essa, hein?!). Paixões se seguiram: Sérgio Macaco, bem menos conhecido que o viaduto do gasômetro na Av. Brasil... No fluxo rápido do trânsito, nem conseguimos ler a placa *Viaduto Capitão Sérgio de Carvalho (Sérgio Macaco)*... Nosso herói carioca (1930-1994), em 1968, desafiou a hierarquia militar em defesa da vida, recusando-se a executar as ordens do Brigadeiro Burnier: lotar um avião com comunistas lançando-os ao mar. Os planos do Brigadeiro iam além: explodir o gasômetro no horário do rush exterminando cerca de 100 mil trabalhadores! *Na 'hierarquia' dos Direitos Humanos, Sérgio Macaco ocupa lugar de destaque*. Mas foi preso, reformado compulsoriamente pelo AI-5 e, mesmo em ‘liberdade’, teve dificuldades de conseguir trabalho e sustentar sua família... Compartilho, meu amor por Sérgio Macaco, com a causa indígena, viu Damiana (Sousa)?Na distante, e ainda horrenda, década de 1970, Ele defendia que a demarcação de reservas fosse respeitada pelo Governo. Era tido pelos Kaiapós como *Nambiguá Caraíba* (homem branco amigo). E com Joyce Moreno e Fernando Brant (1989), que nos brindaram com os versos da canção *Capitão (ouça com Chico Buarque): Brasil, Quem é que seria o dono da Amazônia? // E por aqui quem viveria // Se a Guanabara explodisse em gás e sangue? // [...] O capitão não aceita a ordem da matança. // Inda bem, Quem ama a vida prefere o ofício de salvar // Quem ama a terra prefere o ofício de sonhar // Quem ama mesmo prefere o ofício de amar // Brasil, Teu capitão não aceita a ordem de matar.*

Sérgio Macaco morreu em 1994 sem ver deferida sua reivindicação de reintegração à Força Aérea Brasileira, visto que ele julgava - COM RAZÃO! - não ter cometido nenhum crime. Não aceitava indenizações - ou *cala boca* - como reparo de danos... Sigo amando-o com carinho... E amei muitos mais... Amei os trabalhadores refugiados, os excluídos... Chorei de amor pelos Haitianos *Soterrados no trabalho...sob commodities* em Palotino/PR... Indigno-me dia a dia com a cooptação necroliberal que emprenha trabalhadores com a ilusão de serem donos de si mesmos... (*Indignação 4.0!*) Perdidamente apaixonada, surtei com *Golondrina Ferreira*, a Metalúrgica poetisa... Emocionada, mergulhei na história das lutas pela democracia (*Imprensa de Resistência na Ditadura*, com o Pasquim e outros jornais da imprensa alternativa), Direitos Humanos (*Fotos e Fatos do Trabalho*, do trabalho infantil e da escravidão contemporânea), Direitos Civis e Políticos (*O vento levou...conquistas pelo voto dos negros, mulheres, e de outros direitos?*). Sorri com a perspicácia de Vito Giannotti sobre o Sindicalismo em cores: *Amarelo*, católico, pelego; *Negro*: Anarquia; *Vermelho*, com a poesia de resistência do hino *A Internacional*; *Onda Rosa*: Aqui meu amor insiste em retomar apreensões: *A onda azul fascista que varreu (varre) o mundo reflete nossas insuficiências? Conquistar governos é suficiente? O que deixamos de fazer? O que fizemos errado? O amor irrefreável me conduziu a questionar a própria História e o descompasso entre o movimento sindical e a saúde dos trabalhadores: Por que, História, saúde é uma questão econômica? Saúde é sinônimo de hospital? A saúde é secundarizada na agenda sindical? O descompasso entre a produção de conhecimentos e o agir político?* Rita Lee! Hoje..., *não faço nada, só pra deitar e rolar com meu bem, que me dá água na boca...* a *Saúde do Trabalhador como Direito Humano* que precisa ser construída, cotidianamente, na troca de saberes com os trabalhadores nos espaços de trabalho, nos sindicatos e em outras formas de organização, junto às equipes da atenção básica, nas moradias, nas escolas, nos territórios... ...como nos Yanomami, onde ao fim do arco-íris, há...prevaricação... Na selva urbana, o amor indignado, suavizado em ternura, radicalizado em ironia, assombrou-me em *Fazer xixi é uma pauta identitária?* A proibição de uso ao banheiro se estende para além do comércio... E, como aconteceu em movimentos anteriores na história, segundo a sindicalista Diana Antonaz e Leite Lopes (2005), trabalhadores se unem estrategicamente na categoria *Atingidos do Trabalho*.

Ah... sou mulher, idosa, grisalha, solteira, atea e comunista por convicção, tímida. Adoro delícias das mesas simples e dos copos, em especial, cachaça artesanal... E detesto adesivos irremovíveis...

Com prazer, indignação e ternura, no meu trigésimo terceiro texto por aqui, iniciei há uns meses a série *O Método de Ramazzini* aplicado às Doenças dos Trabalhadores contemporâneos... O Mestre italiano tornou-se meu amor maior, deliciosamente degustado em cada pedacinho que compõe a integralidade do mundo do trabalho... Os frutos serão publicados em e-book com Fadel em 2025... 0800... para todos saborearem...

Daí, encerro com mensagem ‘mediúncia’ do Pai da Saúde do Trabalhador: *Essa Medicina do Trabalho (e a Saúde Ocupacional) – que se apropria equivocadamente da minha paternidade – foi inventada na industrialização, bem depois de minha morte (1714). Ela escrutina vocês para estabelecer até onde vocês podem ser expostos a intoxicações sem parar de trabalhar. No último dia 05 de novembro, completei 310 anos no outro lado da vida... Não me esqueçam num arquivo digital qualquer!* ■ ■ ■

Notas: Meus textos e os dos colegas Colunistas da Opinião estão na *Relação de Textos por Autores*, nas respectivas caixinhas. // Chiwan (Medeiros Leite) foi quem escolheu meu nome quando estive em Garamansa...

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.